CAMINHOS PERCORRIDOS 3

Ao longo dos quinze meses de convalescença dediquei-me com esmero ao estudo sistemático de relevantes questões nacionais: economia, dívida externa, remessa de lucros para o exterior, reforma agrária, meio ambiente, desigualdades regionais etc.

Era uma quarta-feira, 2 de julho de 1980. Dia de festa na Bahia: 157 anos da Independência. Dia em que brasileiros corações batem mais forte.

O Sol nem havia despontado no firmamento quando mergulhei nas ondas verdes do mar de Itapuã, invocando Iemanjá, rainha do mar, senhora dos oceanos, linda deusa do amor e da bondade.

Na tradição iorubá, diz-se que ela tem a propriedade de "comandar as cabeças", reger o domínio da consciência. Diz-se também que a cabeça carrega o corpo, então, é ela quem traz o equilíbrio emocional e psíquico.

Saí com a aura iluminada, pronto para retomar a caminhada.

Já recuperado, voltei à cena política direcionando as energias para auxiliar na fundação, organização e implementação do **PMDB - Partido Do Movimento Democrático Brasileiro**, frequentando assiduamente o think tank constituído para tal fim.

Naquela época o PMDB abrigava nomes respeitáveis, qualificados, de expressão nacional e de diversas matizes ideológicas progressistas, liderados por sua estrela maior, o timoneiro Dr. Ulysses Guimarães.

O primeiro grande desafio do recém-criado partido de oposição foi o pleito eleitoral de 15 de novembro de 1982, primeira eleição direta para governador de estado desde o golpe militar de 1964.

Naquele pleito, a despeito dos casuísmos impostos pelo Regime Militar, os partidos de oposição, PMDB, PDT, PTB e PT, obtiveram resultados surpreendentes nas urnas, conseguindo eleger 10 governadores, sendo 9 do PMDB e 1 do PDT, tais como Tancredo Neves/MG, Franco Montoro/SP, José Richa/PR, Jader

Barbalho/PA, Wilson Martins/MS, Iris Rezende/GO, Gerson Camata/ES, Gilberto Mestrinho/AM e Nabor Júnior/AC, pelo PMDB, e Leonel Brizola/RJ, pelo PDT.

Foi uma consagração que possibilitou às oposições vislumbrar uma luz no fim do túnel.

Por óbvio, a governabilidade desses estados exigiu esforço hercúleo dos seus respectivos mandatários, face à animosidade das relações institucionais com o mandatário supremo do País.

Com aquele legítimo capital político emergido das urnas foi possível anelar voos mais altos, ou seja, foi possível começar a pensar em chegar à Presidência da República e tirar o País da escuridão, iluminando-o com os faróis da democracia, anseio da maioria da população.

Quem tem um Sol no seu interior não precisa temer a escuridão da noite.

O Sol é fonte de luz e calor, componentes sem os quais não existiria vida na Terra. Localizado no centro do sistema solar é responsável pela interação gravitacional de 8 planetas e de outros corpos celestes ao seu redor.

O sol

As oposições, especialmente o PMDB é o PDT - grupo de notáveis que se destacavam pelo talento, pela atitude e pela excelência - eram o Sol do povo brasileiro.

Um dos componentes daquele sistema solar era o saudoso senador alagoano Teotônio Vilela, também conhecido como "O Menestrel das Alagoas".

Na noite de 20 de março de 1983, decorridos apenas cinco dias da posse dos governadores eleitos em 15 de novembro de 1982, o convidado especial do programa Canal Livre/Rede Bandeirantes de TV foi o senador Teotônio Vilela. Experiente e desfrutando de grande prestígio e respeitabilidade junto à opinião pública, o senador

valeu-se da audiência e credibilidade do programa e lançou ali, para todo o Brasil, ao final da noite daquele domingo, a ideia de criar um movimento a favor de eleições diretas para presidente da República.

No dia seguinte, **Diretas Já** foi a manchete estampada na primeira página dos principais jornais do País, despertando o interesse da maioria dos brasileiros.

Nascia então a memorável campanha das **Diretas Já**, promovida pelas grandes lideranças nacionais, com o apoio maciço da população, bem como da imprensa, simultaneamente à tramitação da PEC - Proposta de Emenda Constitucional nº 05/1983, mais conhecida como Emenda Dante de Oliveira, que objetivava restabelecer eleições diretas para presidente da República.

Foi o segundo grande desafio do PMDB durante a chamada Abertura Política.

Inúmeros comícios e manifestações se sucederam pelo Brasil afora, arrastando multidões que clamavam por eleições diretas já para presidente da República.

Mas o ápice da campanha foi o histórico Comício da Candelária, RJ, em 10 de abril de 1984, cuja organização começou treze dias antes. Para tanto, foram impressos 10 milhões de panfletos, 200 mil cartazes, instalados 700 outdoors, além da cobertura integral da imprensa.

Convocado para auxiliar na organização do evento, desembarquei no Rio de Janeiro oito dias antes. No dia do comício, previsto para começar às 16h, cheguei ao Largo da Candelária às 6h da manhã e permaneci diligenciando providências de ordem prática até meia-noite, sempre observado de perto por olhos prescrutadores do Regime.

Há momentos na vida que ficam eternizados na memória pela nobreza dos seus propósitos.

Assim foi o Comício da Candelária, onde compareceram mais de 1 milhão de pessoas, considerada a maior manifestação política da história do Brasil até 2015.

Seus protagonistas foram os mais legítimos e prestigiados líderes oposicionistas, que abrilhantaram o evento com discursos consistentes e eloquentes, tais como Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, Leonel Brizola, Franco Montoro, Pedro Simon, Sobral Pinto, Miguel Arraes, Chico Pinto, Fernando Henrique Cardoso, Celso Furtado e tantos outros.

Momento singular, iluminado, solene, edificante, inesquecível!

Mas apesar de todo aquele apoio popular, quinze dias depois a PEC nº 5 foi rejeitada na Câmara dos Deputados, postergando assim a realização de um sonho de milhões de almas brasileiras.

Com efeito, naquele momento, foi muito difícil assimilar tamanha derrota.

Contudo, a reação firme e justificada das lideranças oposicionistas foi imediata. Uma semana depois, o ícone Ulysses Guimarães já conclamava a militância e a sociedade civil para o novo desafio: disputar a Presidência da República, em eleição indireta, no Colégio Eleitoral, com o candidato do Regime Militar, dali a oito meses, ou seja, em 15 de janeiro de 1985.

A criação da Aliança Democrática possibilitou a formação da chapa Tancredo Neves e José Sarney, considerada eleitoralmente forte para enfrentar a chapa situacionista, composta por Paulo Maluf e Flávio Marcílio.

Definida a chapa oposicionista - Tancredo Neves e José Sarney - era hora de colocar o pé na estrada e no palanque para manter e ampliar o apoio da população.

Desse modo, ao longo do segundo semestre de 1984, Dr. Tancredo fez diversos comícios pelo País, nos quais era sempre saudado pelas multidões como o candidato da conciliação.

Conclamada por Dr. Ulysses a se mobilizar a militância logo se articulou e foi à luta.

Quanto a mim, mais uma vez entrei de corpo, alma e mente na luta por um ideal; mais uma vez renunciei aos projetos pessoais para abraçar unicamente o projeto de um Brasil melhor para as novas gerações; mais uma vez atendi com denodo ao chamamento do meu País para ajudar a defendê-lo do arbítrio, da arrogância e da prepotência.

Dediquei-me com exclusividade àquela missão patriótica.

A orientação do partido era estabelecer o corpo a corpo com a sociedade, dissecando acerca da falta de outra alternativa que não fosse o Colégio Eleitoral, da indispensável obra de engenharia política denominada Aliança Democrática, das relevantes questões nacionais, e do arrojado programa de governo do Dr. Tancredo Neves.

Segui fielmente aquelas diretrizes estabelecidas pelo meu partido.

Entrementes, o escritório de advocacia que mantinha no Ed. Fernandez/Av. Sete/Salvador virou mais um comitê da campanha, onde eu atendia dezenas de pessoas diariamente; visitei 185 municípios baianos, além das capitais Curitiba, Florianópolis, Belo Horizonte, Fortaleza e Aracaju.

Naquelas caminhadas, a questão mais levantada pelos interlocutores cingia-se à forte desconfiança em torno da figura do candidato a vice, José Sarney. Foram necessários portentosos argumentos para explicar e justificar a composição da chapa.

Um longo estirão com muita conversa regada a água e café.

Finalmente, chegou o grande dia: 15 de janeiro, verão de 1985.

Para mim, o fim de uma caminhada que começou no inverno de 1970.

Naquele 15 de janeiro de 1985, depois de longa peregrinação, enfrentando obstáculos de toda ordem, a chapa Tancredo Neves e José Sarney saiu vitoriosa do Colégio Eleitoral, sufragada com 480 votos, contra 180 da chapa situacionista.

Foi uma vitória retumbante que regozijou a todos nós: Tancredo Neves, presidente eleito do Brasil, cuja posse se daria no dia 15 de março daquele ano.

A Aliança Democrática entregou à nação um presidente eleito pelo voto indireto, mas sobejamente merecedor da confiança, do respeito e da admiração de todos.

Tudo parecia estar consumado.

Era hora de baixar a guarda e bater em retirada.

Assim, como testemunha ocular da história, consciente de que o preço da liberdade é a eterna vigilância, combati o bom combate, terminei a caminhada e guardei a confiança nos fundamentos da democracia com a esperança de dias melhores para o povo brasileiro.

Fiz o que pude!

Valeu a pena!

Faria tudo outra vez!!

Jorge Freitas, cronista.

Jorge Freitas
in Prosas & Reflexões
ilustração e formatação: Letícia Moreira

Inverno/2022.